



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**LÚCIA DE FÁTIMA DE LIMA MIRANDA**

**ATUAÇÃO DE HOMENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR SOBRE AS  
PERSPECTIVAS E DESAFIOS DOS GRADUANDOS DO CURSO DE PEDAGOGIA  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**

**JOÃO PESSOA**

**2017**

LÚCIA DE FÁTIMA DE LIMA MIRANDA

**ATUAÇÃO DE HOMENS NA EDUCAÇÃO: UM OLHAR SOBRE AS  
PERSPECTIVAS E DESAFIOS DOS GRADUANDOS DO CURSO DE PEDAGOGIA  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Pedagogia da Universidade Federal da  
Paraíba, como requisito à obtenção da conclusão  
do Curso de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Jeane Félix da Silva

JOÃO PESSOA

2017

M672a Miranda, Lúcia de Fátima de Lima.

Atuação de homens na educação: um olhar sobre as perspectivas e desafios dos graduandos do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba / Lúcia de Fátima de Lima Miranda. – João Pessoa: UFPB, 2017.

39f.

Orientadora: Jeane Félix da Silva  
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Pedagogia) –  
Universidade Federal da Paraíba/Centro de Educação

1. Gênero. 2. Masculinidades. 3. Educação infantil. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37(043.2)

LÚCIA DE FÁTIMA DE LIMA MIRANDA

ATUAÇÃO DE HOMENS NA EDUCAÇÃO: UM OLHAR SOBRE AS  
PERSPECTIVAS E DESAFIOS DOS GRADUANDOS DO CURSO DE  
PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

O presente trabalho foi submetido a avaliação da banca examinadora, em cumprimento às exigências do Curso de Pedagogia, como requisito para a obtenção do Grau em Licenciatura em Pedagogia, na Universidade Federal da Paraíba.

Aprovado em: 14 de junho de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Jeane Félix da Silva  
Prof.ª Dra. Jeane Félix da Silva – UFPB (orientadora)

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. José Leonardo Rolim de Lima Severo- UFPB

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Joseval dos Reis Miranda- UFPB

Dedico este trabalho as pessoas que estiveram ao meu lado pelos caminhos da vida. Aos meus avós Aduino (*in memoriam*) e Dona Maria. A minha mãe Aparecida. Dedico também a minha pequena sobrinha e afilhada Maria Júlia.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida. De modo especial agradeço também aos meus pais Juscelino e Aparecida, pelos incentivos e também pelas cobranças que foram primordiais para o meu crescimento pessoal e profissional. A vocês expesso o meu maior agradecimento.

A minha mãe Aparecida que desde a minha geração me amou muito, dando todo o carinho que eu precisava para seguir minha vida, contribuindo com a minha educação e a construção do meu caráter, fazendo com que a cada dia eu me torne uma pessoa melhor.

As minhas irmãs Ana Paula e Beatriz por serem minhas melhores amigas e por me apoiarem sempre.

Aos meus familiares, em especial aos meus avós Aduauto Miranda e Maria José por todos os ensinamentos, pela educação e os incentivos, mesmo diante das dificuldades. Ao meu Avô, sei que se estivesse aqui estaria muito orgulhoso de ver a sua primeira neta graduada.

A Antônio por todo carinho, amor, amizade, paciência e por sua capacidade de me trazer paz na correria de cada dia. A sua presença foi fundamental nesse último semestre, por muitas vezes compartilhei momentos de tristezas, alegrias, angústias e ansiedade, sempre estive ao meu lado me apoiando e me ajudando. Grata por tudo meu amor!

Aos meus colegas e amigos (as) de turma (2012.1) pela convivência e pelas aprendizagens divididas através de debates e conversas ao longo de todos esses períodos. Em especial as companheiras Débora, Sandra e Cláudia. Amizades que levarei para o resto da vida!

Aos professores e professoras do curso de Pedagogia, todos de qualquer forma deixaram alguns ensinamentos. Em especial a minha orientadora Jeane Félix que sempre terá minha eterna gratidão, pela paciência, pelos ensinamentos, pelas aulas maravilhosas e por sempre estar disposta a escutar e ajudar. Além de ser uma excelente profissional é um ser humano admirável.

A todos que contribuíram de forma direta ou indiretamente na conclusão de mais esta etapa de minha vida e que mesmo não citados aqui não deixam de merecer meu agradecimento.

O que nos compete, como educadores/as e/ou pesquisadores/as, no campo do gênero e da sexualidade, é desencadear o debate e, quem sabe, abalar um pouco as nossas próprias certezas.

*Jane Felipe*

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso é resultado da pesquisa orientada na direção compreender, sob a perspectiva de gênero, com foco nas masculinidades, o que os estudantes homens concluintes do curso de Pedagogia, período 2016.2, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), pensam sobre a atuação de homens na educação infantil. Assim, os objetivos específicos são: a) Investigar as percepções de homens concluintes do Curso de Pedagogia da UFPB sobre a atuação de professores homens na Educação Infantil; b) Compreender, a partir das falas dos entrevistados, suas experiências de formação, especialmente no estágio obrigatório curricular da Educação Infantil, e como o ambiente escolar recebe professores homens nesta modalidade de ensino. Os autores e autoras que fundamentam a presente pesquisa tratam sobre gênero, masculinidades e educação infantil, dentre eles estão: Carvalho (2010), Alves (2011), Vianna (2013), Kuhlmann (2000), Louro (1997) Felipe (2007) e Seffner (2003). Trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada por meio de entrevista estruturada com dois alunos concluintes do Curso de Pedagogia, período 2016.2. Os resultados apontam, para o preconceito com a atuação de homens na educação infantil, o que afasta os pedagogos dessa modalidade da educação básica, o que demanda investimentos na mudança da cultura institucional que posiciona apenas as mulheres como responsáveis pela educação das crianças.

**Palavras-chave:** Gênero; Masculinidades; Educação Infantil.

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Perfil dos entrevistados.....	20
--	----

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

EJA- Educação de Jovens e Adultos

LDBEN- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

RCNEI - Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil

TCC- Trabalho de Conclusão de Curso

UFPB - Universidade Federal da Paraíba

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2. EDUCAÇÃO INFANTIL</b> .....	10
<b>3. GÊNERO E EDUCAÇÃO INFANTIL: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO</b> .....	14
3.1. GÊNERO E MASCULINIDADES: ALGUNS APONTAMENTOS .....	17
<b>4. ALUNOS DO CURSO DE PEDAGOGIA ACERCA DAS SUAS INQUIETAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL</b> .....	21
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	28
REFERÊNCIAS .....	30
ANEXO A- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	34
ANEXO B- Questionário de Entrevista.....	35

## INTRODUÇÃO

Escolher o curso de Pedagogia não foi nada fácil, nem de cara, minha primeira opção. Em toda minha vivência escolar, fui muito atuante, participativa... adorava estar na escola, aquele ambiente sempre me fascinava. O papel dos professores e professoras sempre foi algo que me chamou atenção, seja na educação infantil ou na academia. Para mim, é como se eles(as) fossem regentes de uma orquestra: em suas mãos estão todas as possibilidades de realizar um belo espetáculo.

Ao ingressar no curso de Pedagogia, na Universidade Federal da Paraíba, em 2012, me deparei com uma turma de quase 60 alunos(as), desses(as) apenas cinco eram homens. Isso foi um ponto que me intrigou bastante, mesmo ainda sem conhecer especificamente o campo profissional que o curso poderia nos propor. Agora, no final do curso, retomando essas lembranças, surgiram alguns questionamentos: por que os homens têm baixa inserção no curso de Pedagogia? Por que a sociedade ainda não aceita professores homens nas turmas de crianças pequenas?

Durante esses 5 anos de curso, presenciei situações de dificuldades dos meus colegas. O curso dispõe de uma matriz curricular composta por estágios, entre os quais o de Educação Infantil. Ao chegarmos nesse estágio, vi que muitos dos colegas estavam decepcionados pela dificuldade de se inserirem e realizarem as atividades nas turmas de Educação Infantil, vi o quanto é difícil sua inserção deles nessa modalidade educacional. A presença de homens na educação infantil é mínima e isso se dá por uma cultura que atribui apenas às mulheres os cuidados e a educação das crianças pequenas. Segundo dados do Censo Escolar de 2014 (BRASIL, 2014), no Brasil, 19,9% do professores da Educação Básica são homens e 80,1% são mulheres. É assustador que em uma sociedade como a nossa ainda tenhamos lugares marcados para homens e outros para mulheres. Na educação, as desigualdades de gênero são muito acentuadas e, nessa direção, quanto menor o nível de escolaridade a ser ensinado, mais atuação de mulheres (CARVALHO, 2010).

Em minha concepção, a escola deve ser um local para promover a igualdade, garantindo a todos e todas educação de qualidade e saberes básicos, que se reflitam na vida de cada sujeito que por ali circula, e no caso das crianças, preparando-as para vida adulta, visando, educá-las para respeitar as diversidades desde os primeiros anos da escolarização. É um caminho desafiador que me torna a cada dia mais crítica, reflexiva e empoderada de conhecimentos e saberes que me ajudam a crescer profissionalmente e

socialmente. Acredito que a trajetória social e cultural influencie direta e indiretamente na escolha educacional. A escola é a instituição social em que se transmite os valores culturais de uma geração para outra, é o lugar de construção de saberes institucionalizados. Por isso, precisa ser um espaço de promoção da igualdade. Mas, como promover igualdade em um espaço que reproduz os lugares de homens e mulheres de modo injusto? Por que caberia apenas às docentes mulheres trabalhar nas classes destinadas às crianças pequenas?

Diante disso, este trabalho visa compreender, sob a perspectiva de gênero, com foco nas masculinidades, o que os estudantes homens concluintes do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) pensam sobre a atuação de homens na educação infantil. Assim, os objetivos específicos deste trabalho de conclusão de curso são: a) Investigar as percepções de homens concluintes do Curso de Pedagogia da UFPB sobre a atuação de professores homens na Educação Infantil; b) Compreender, a partir das falas dos entrevistados, como o ambiente escolar recebe professores homens nesta modalidade de ensino.

O interesse por tal temática se justifica pelas diversas mudanças na nossa sociedade atual que acarretam transformações no contexto escolar e na formação dos sujeitos e, nesse caso, carecem estudos na Pedagogia que reflitam sobre a participação de homens na educação infantil. Meu interesse pessoal nessa temática é de obter mais conhecimentos e aprendizados para problematizar e desnaturalizar a pouca inserção dos homens na Educação infantil e, a partir disso, contribuir desde o meu espaço de trabalho para mudanças nessa cultura que atribui apenas às mulheres a responsabilidade pela educação das crianças, nas escolas e em casa.

Nesse sentido, me propus investigar a relação que esses docentes em formação possam ter vivenciado no âmbito do estágio da Educação Infantil, uma vez que, assim como nós mulheres, também necessitam estagiar na Educação Infantil e podem desejar trabalhar nesta modalidade da Educação Básica. Considero que as questões que constituem esse trabalho se apresentam como eixos importantes para a compreensão das transformações das vivências na educação e na formação docente.

Este trabalho de conclusão de curso se deu por meio de pesquisa qualitativa, com a realização de entrevistas estruturadas com dois estudantes homens concluintes do curso de Pedagogia da UFPB, no semestre 2016.2. As entrevistas seguiram um roteiro previamente elaborado, foram gravadas e transcritas e os dados analisados utilizando gênero como lente analítica. As entrevistas estruturadas, para Manzini (2012, p.156)

“tem como característica um roteiro prévio, com perguntas fechadas. O roteiro é usado pelo entrevistador (ou entrevistadores) na mesma sequência em que foi elaborado”.

Os dois informantes foram esclarecidos sobre a pesquisa e assinaram um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE). Os dois informantes dispuseram-se a participar voluntariamente das entrevistas que aconteceram na UFPB, a primeira no dia 16 de Maio de 2017, resultando num áudio de 18 minutos e 56 segundos e a segunda no dia 18 de Maio de 2017, tendo duração de 13 min e 45 seg. Após essa coleta de dados deu-se início às transcrições que após serem finalizadas, resultaram em 8 laudas de escrita. As dificuldades operacionais para a realização dessa pesquisa foram: o curto tempo para realização deste trabalho, além da pouca disponibilidade de tempo dos entrevistados e da pesquisadora.

Para fins de organização, este trabalho foi dividido em quatro capítulos. No primeiro, apresento a introdução; no segundo capítulo, abordo gênero e educação infantil; no terceiro, apresento alguns apontamentos sobre gênero e masculinidades e, por fim, no quarto capítulo faço uma reflexão sobre gênero e masculinidades a partir dos informantes desta pesquisa. Nas considerações finais, apresento alguns de meus aprendizados com a feitura deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

## 2. EDUCAÇÃO INFANTIL

O curso de Pedagogia da UFPB forma docentes para a Educação Infantil e anos iniciais do ensino fundamental, com foco em duas áreas de aprofundamento: a Educação de Jovens e Adultos e a Educação Especial. Nesta pesquisa, direcionamos o olhar para a Educação Infantil. Visto que este é o campo de atuação em que estou inserida.

Acredito que grande parte dos graduandos (as) já entram no curso com uma perspectiva, a de seguir carreira na área que oferece o maior número de vagas. A Educação Infantil é a base de todo o processo educativo, e como toda base tem a necessidade de profissionais que tenham um olhar sensibilizado e ao mesmo tempo, que estejam dispostos a enfrentar as dificuldades que por ventura apareçam. Segundo A Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica. É a única que está vinculada a uma idade própria: atende crianças de zero a três anos na creche e de quatro e cinco anos na pré-escola. Tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (LDB, art.29).

Durante todo o nosso curso estudamos sobre a história da educação e vemos que alguns moldes permanecem até hoje, principalmente quando falamos da educação infantil. Para entendermos melhor esse contexto, optei por voltar à história. Tudo começou quando iniciaram a criação de instituições para assistência aos filhos de mulheres que necessitavam trabalhar, essas instituições tinham como principal objetivo apenas o cuidar. Como afirma Alves (2011):

No final do século XIX, foram criados os primeiros “asilos”, as primeiras creches para os filhos das classes menos favorecidas, que funcionavam como “depósitos” de crianças para que as mães pudessem trabalhar. A origem das creches, relacionada com o trabalho feminino e preocupações sanitárias e filantrópicas, foi influenciada pela medicina e a assistência social, sendo o trabalho ali realizado voltado para questões de higiene, alimentação e cuidados físicos, sem investimentos nos aspectos pedagógicos.

Com a Revolução Industrial as mulheres passaram a ocupar espaço no mercado de trabalho, com isso a necessidade da criação de creches que não apenas estivessem ligadas ao cuidado. Isso também foi um resultado de muitas lutas de trabalhadoras, que

necessitavam deixar seus filhos e filhas em um lugar que oferecesse um bom cuidado enquanto elas ocupavam seus ambientes de trabalho. Para Kuhlmann (2000, p 11):

As instituições de educação infantil tanto eram propostas como meio agregador da família para apaziguar os conflitos sociais, quanto eram vistas como meio de educação para uma sociedade igualitária, como instrumento para a libertação da mulher do jugo das obrigações domésticas, como superação dos limites da estrutura familiar. As ideias socialistas e feministas, nesse caso, redirecionavam a questão do atendimento à pobreza para se pensar a educação da criança em equipamentos coletivos, como uma forma de se garantir às mães o direito ao trabalho. A luta pela pré-escola pública, democrática e popular se confundia com a luta pela transformação política e social mais ampla.

Essa política assistencialista da Educação Infantil perdurou por alguns anos, mas a partir dos anos 1980 surgiram novas discussões sobre esse formato de funcionamento sobre as creches. A Constituição de 1988, menciona que todas as crianças deveriam frequentar uma creche e que o Estado tinha como dever oferecer para todos independentemente de classe social. Como afirma Paschoal e Machado (2009, p 85)

Verifica-se que, até meados do final dos anos setenta, pouco se fez em termos de legislação que garantisse a oferta desse nível de ensino. Já na década de oitenta, diferentes setores da sociedade, como organizações não-governamentais, pesquisadores na área da infância, comunidade acadêmica, população civil e outros, uniram forças com o objetivo de sensibilizar a sociedade sobre o direito da criança a uma educação de qualidade desde o nascimento. Do ponto de vista histórico, foi preciso quase um século para que a criança tivesse garantido seu direito à educação na legislação, foi somente com a Carta Constitucional de 1988 que esse direito foi efetivamente reconhecido.

Além disso, com o passar dos anos, surgiram novas legislações que viriam para assegurar e promover mudanças que, em alguma medida, teriam reflexos no que hoje conhecemos como Educação Infantil. Alguns exemplos: em 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente que reconhece as crianças como sujeitos de direitos; em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, inserindo a educação infantil como a primeira etapa da Educação Básica, promovendo a educação e desenvolvimento integral a crianças de até cinco anos de idade. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional dispõe:

Art. 22. A Educação Básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores. (BRASIL,1996)

Todavia, cabe indicar que a Educação Infantil ainda está longe de ser efetivada como um direito de todas as crianças. Segundo dados do Observatório do Plano Nacional de Educação (PNE), em 2015, apenas 30,4 % das crianças de zero a três anos e 90,5% das crianças entre 4 e 5 anos frequentavam as salas da Educação Infantil (OBSERVATÓRIO DO PNE, 2016). Apesar destes números indicarem para uma melhora no acesso das crianças brasileiras ao processo de escolarização, esse ainda é um desafio que precisa ser enfrentado com seriedade pelos(as) nossos(as) gestores(as).

No que diz respeito aos currículos da Educação Infantil, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI (BRASIL,1998), é o documento que deve nortear todas as práticas educativas e pedagógicas envolvidas na Educação Infantil,. Tais práticas devem seguir os seguintes objetivos:

- desenvolver uma imagem positiva de si, atuando de forma cada vez mais independente, com confiança em suas capacidades e percepção de suas limitações;
- descobrir e conhecer progressivamente seu próprio corpo, suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo e valorizando hábitos de cuidado com a própria saúde e bem-estar;
- estabelecer vínculos afetivos e de troca com adultos e crianças, fortalecendo sua auto-estima e ampliando gradativamente suas possibilidades de comunicação e interação social;
- estabelecer e ampliar cada vez mais as relações sociais, aprendendo aos poucos a articular seus interesses e pontos de vista com os demais, respeitando a diversidade e desenvolvendo atitudes de ajuda e colaboração;
- observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação;
- brincar, expressando emoções, sentimentos, pensamentos, desejos e necessidades;
- utilizar as diferentes linguagens (corporal, musical, plástica, oral e escrita) ajustadas às diferentes intenções e situações de comunicação, de forma a compreender e ser compreendido, expressar suas idéias, sentimentos, necessidades e desejos e avançar no seu processo de construção de significados, enriquecendo cada vez mais sua capacidade expressiva;
- conhecer algumas manifestações culturais, demonstrando atitudes de interesse, respeito e participação frente a elas e valorizando a diversidade. (BRASIL, 1998a, p. 63, v. 1)

É através desse documento que percebemos o quanto a Educação Infantil é necessária e importante na construção da sociedade. É nela que nos constituímos como cidadãos e através dela que podem ser desenvolvidas muitas de nossas potencialidades. Nesse sentido, as questões de gênero são necessárias para serem discutidas e vivenciadas, principalmente nesse estágio onde as crianças estão construindo valores e a escola tem um importante papel em todos esses processos que envolvem o desenvolvimento dos alunos(as), conforme será abordado no próximo item.

### 3. GÊNERO E EDUCAÇÃO INFANTIL: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

A Educação Infantil foi historicamente constituída como um espaço de predominância de mulheres, sendo que um dos motivos para isso refere-se ao fato de que as mulheres, há muitos anos, são associadas ao ato de cuidar e educar. Diante disso, essa função não poderia ser exercida por homens. Segundo Alves (2011), Froebel, em 1837, idealizou a educação infantil a partir dessa perspectiva, dando criação ao estereótipo feminino que permanece com muita força até os dias atuais.

Por volta do século XIX, as mulheres começaram a adentrar nas salas de aula. Elas passaram a exercer uma função a qual estava intimamente ligada as suas tarefas domésticas e, nessa época, os homens exerciam um papel dominante em relação a família, pois estava instaurado o patriarcado (que em grande medida ainda exerce grande influência em nossos dias). Pela associação ao cuidado, o magistério foi uma das primeiras profissões que as mulheres poderiam exercer<sup>1</sup>. Seguindo uma perspectiva de gênero, Vianna (2013, p.164) salienta :

Mas não se trata apenas da presença do sexo feminino, a entrada das mulheres no magistério deve ser examinada a partir das relações de classe e gênero. Podemos então lembrar que se trata de um dos primeiros campos de trabalho para mulheres brancas das chamadas classes médias, estudiosas e portadoras de uma feminilidade idealizada para essa classe, mas também protagonistas da luta pelo alargamento da participação feminina na esfera econômica.

Ao longo dos anos, existiram muitas dificuldades na inserção das mulheres no campo educacional. As mulheres ainda eram vistas apenas como aquelas que deveriam dominar e se responsabilizar pelos afazeres domésticos. No entanto, com o passar dos anos, elas foram ganhando maior notoriedade, ocupando a maioria as salas de aula da Educação Básica, o que foi transformando o magistério nas series iniciais em uma carreira majoritariamente feminina.

---

<sup>1</sup> Cabe indicar que as mulheres sempre trabalharam em funções domésticas e que, em algumas culturas e diante de situações específicas, muitas mulheres trabalhavam e proviam suas famílias, como quando ficavam viúvas, por exemplo. Contudo, essas questões não serão foco deste trabalho.

A configuração desse processo que culmina com a constatação de uma maioria absoluta de mulheres no magistério na década de 1990 relaciona-se, ainda que indiretamente, com a dinâmica do mercado de trabalho e, nela a divisão sexual do trabalho e a configuração das chamadas profissões femininas. (VIANNA. 2013, p. 165)

É na infância onde ocorrem os primeiros processos de ensino-aprendizagem, a transmissão e a construção de valores, as representações acerca do ser social em construção, influenciando diretamente na formação de todos os sujeitos. Tais processos, por sua vez, variam de acordo com a origem social da criança e os universos de socialização a que pertencem. É na infância que ocorrem nossas primeiras aprendizagens de gênero. Desde as barrigas de nossas mães são criadas expectativas de gênero.

Aprendemos, desde muito cedo, que existem dois universos: um masculino e outro feminino e que esses só podem ser acessados por meninos ou por meninas, respectivamente. Há brinquedos e brincadeiras de meninos e outros de meninas. Enfim, somos socializados como sujeitos de gênero desde a infância pelas diferentes instâncias da vida social. A escola é uma das instituições em que tais aprendizagens de gênero são marcadas e fortes entre essas aprendizagens está uma que passa quase despercebida: a atuação das professoras mulheres na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental.

Os estudos feministas nos oportunizam vastos conhecimentos acerca das relações de gênero e das desigualdades entre homens e mulheres e sobre como a educação pode contribuir para reproduzir ou transformar essas desigualdades. Compreendo que a pouca participação de homens na Educação Infantil ocorre porque todos(as) nós somos ensinados desde cedo os lugares permitidos de atuação de homens e de mulheres e que não cabe aos homens a atuação na educação infantil. Esses processos são, pois, processos educativos de gênero, ensinados por todas as instituições educativas, entre as quais, a escola.

Louro (1997), aponta pistas para perceber que a construção histórica do termo gênero é resultado dos movimentos feministas, implicando no rompimento do pensamento de que o masculino é superior e está em oposição ao feminino. A autora problematiza a naturalização de atributos sociais de mulheres e homens, para Louro (1997) os papéis sociais de homens e de mulheres não são dados da natureza e, sim, construções sociais de gênero.

É necessário compreender que o gênero constitui a identidade dos sujeitos, e essa identidade é variável e está em constante modificação de acordo com o meio social ao qual o sujeito está inserido. Nas última três décadas as discussões sobre gênero ganharam uma notável visibilidade nos meios acadêmicos e nos movimentos sociais em geral, a fim de promover uma igualdade de direitos e oportunidades entre homens e mulheres. Gênero seria, então, a construção social das masculinidades e feminilidades. Para Jane Felipe (2007, p. 6):

(...) gênero deve ser entendido como um conceito relacional, possibilitando assim a ampliação das discussões não só em torno da constituição das feminilidades, mas também em torno das masculinidades, uma vez que homens e mulheres são constituídos a partir das interações e das referências recíprocas que ambos estabelecem.

Ou seja, não é possível pensar em gênero apenas do ponto de vista das mulheres e das feminilidades, uma vez que assim como nós, mulheres, os homens também são educados como sujeitos de gênero e aprendem que determinados espaços, profissões e formas de se comportar são permitidas a eles.

Saparolli desenvolveu, em 1997, um dos primeiros estudos acerca da presença de homens na Educação Infantil. Em sua pesquisa foram analisados o perfil desses educadoras e educadores que atuavam em creches, tendo como resultado uma mínima participação de homens nessa etapa da educação. Cabe destacar que ainda existem poucos estudos que abordam a atuação de homens na educação infantil, particularmente do ponto de vista dos estudos de gênero com foco nas masculinidades. A seguir, apresento algumas reflexões sobre as relações entre masculinidade e educação infantil.

### **3.1. GÊNERO E MASCULINIDADES: ALGUNS APONTAMENTOS**

Como já indiquei, gênero é um tema que provoca vários questionamentos, dúvidas e confusões teóricas. Como estudante do curso de Pedagogia, percebo que muitas(os) de minhas(meus) colegas não compreendem o conceito de gênero ou o compreendem como tema secundário de ser trabalhado em nossa formação. Em outras palavras, o conceito de gênero ainda é mal compreendido e interpretado, deixando

brechas para seu uso equivocado, como indicam as professoras Carvalho e Rabay (2015, p.119).

“Gênero” é um conceito debatido e ressignificado no campo dos estudos feministas<sup>1</sup> e ainda de difícil compreensão em geral. A partir de sua generalização, tem se tornado praticamente sinônimo de “sexo” na linguagem comum e até mesmo acadêmica (fora do campo dos estudos de gênero e/ou feministas).

Ao longo dos últimos anos, contudo, foram feitos vários esforços de estudiosas feministas para produzir pesquisas nessa temática e visibilizá-la como campo de estudos acadêmicos (CARVALHO e RABAY, 2015). Antes de estudar o conceito de gênero, sempre pensava nele como algo voltado para o sexual ou o biológico. Agora, a partir dos textos estudados, compreendo gênero como uma construção social, ou seja, não nascemos com características masculinas ou femininas, elas nos vão sendo ensinadas a todo o momento pelas mais diferentes instituições sociais. Segundo Louro (1997) gênero seria uma construção social sem moldes pré- estabelecidos. Em suas palavras:

O conceito de gênero veio contrapor-se ao conceito de sexo. Se este último refere-se às diferenças biológicas entre homem e mulher, o primeiro diz respeito à construção social e histórica do ser masculino e do ser feminino, ou seja, às características e atitudes atribuídas a cada um deles em cada sociedade. O que quer dizer que agir e sentir-se como homem e como mulher depende de cada contexto sociocultural. (LOURO,1997, p.24)

A visibilidade dos debates acerca de gênero surgiram com os primeiros movimentos feministas, que passaram a reivindicar para as mulheres os mesmos direitos atribuídos aos homens. Ainda hoje é preciso lutar para que homens e mulheres possam exercer seus direitos com igualdade, particularmente porque vivemos em uma sociedade injusta e desigual para homens e para mulheres e essas desigualdades vão aumentando quando se vai associando outros marcadores sociais como raça e classe. Ou seja, mulheres negras e pobres sofrem mais desigualdades do que mulheres brancas e ricas, por exemplo.

As lutas não cessaram continuamos lutando em busca de melhorias. Principalmente pelo o que é de direito, mas quase sempre negado a população. Neste trabalho estamos destacando um direito que é primordial, que é a educação. Através dela nos tornamos sujeitos críticos reflexivos, e somente através dela podemos mudar nossa realidade. Acredito na potência da escola como instituição que educa sujeitos de gênero. Segundo Felipe (2007, p. 79):

As instituições escolares podem ser consideradas um dos mais importantes espaços de convivência social, desempenhando assim um papel de destaque no que tange à produção e reprodução das expectativas em torno dos gêneros e das identidades sexuais. As relações de poder entre homens e mulheres, meninos e meninas, nas suas múltiplas possibilidades, atravessam a escola dos mais diferentes modos: seja através de piadas de cunho sexista ou racista; seja através de uma acirrada vigilância em torno da sexualidade infantil, principalmente dos meninos, tentando normatizar os comportamentos que porventura não sejam “condizentes” com as expectativas de gênero instituídas; seja através da distribuição dos espaços e das tarefas a cada grupo; seja, ainda, através do descaso para com situações que envolvam violência doméstica e/ou abuso sexual.

Nesse sentido, cabe ressaltar a importância da escola na contribuição da formação crítica e reflexiva num momento de constante mudanças, em que em segundos as informações podem se modificar. A escola é uma instituição capaz de "entender processos de construção/reconstrução das práticas das relações sociais, que homens e mulheres desenvolvem/vivenciam" (BANDEIRA; OLIVEIRA, 1990, p.8), isto é, a escola é um espaço fundamental para promover uma educação para as questões de gênero.

Durante muito tempo fomos ensinados(as) que os homens eram não sabiam cuidar, não tinham jeito para trabalhos domésticos ou mesmo que esse universo “caseiro” não seria para eles. Algumas de nós, assim como alguns homens, ainda reproduzimos isso. Algumas instituições continuam ensinando todos os dias que há lugares de mulher e lugares de homens. Essa é a ideia dominante de masculino e de homem. Ainda bem que essa masculinidade vem sendo modificada e que homens cuidadores têm estado entre nós. Queremos construir masculinidade não violentas. Queremos um mundo em que homens e mulheres sejam o que quiserem, estejam onde estiverem.

Nesse sentido, o que seria a masculinidade? Poderíamos dizer que ela seria um conjunto de comportamentos construídos na vivência em sociedade (usualmente atribuídos ou esperados dos homens). Tais comportamentos seriam pré-moldados de acordo com cada contexto social. Assim como as feminilidades, as masculinidades não são fixas. Segundo Santos (2011, p.01), “Seffner (2003) ressalta que as masculinidades estão sempre em estado de fluidez, de deriva”. Ou seja, também são ensinadas e aprendidas nas diversas instituições sociais.

Na escola de educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental que é o meu campo de atuação, a presença de homens é mínima. Aparentemente, sua presença não é bem recebida principalmente na educação infantil, justamente por uma compreensão de que aquele é um espaço feminino, onde não caberiam as masculinidade de professores. Essa ausência de homens ocorre por fatores referentes a masculinidade e até mesmo a uma ideia equivocada e preconceituosa de que “todo homem é um pedófilo em potencial”. Segundo Felipe (2006):

a ideia corrente de que só os homens são abusadores em potencial, por possuírem uma sexualidade tida no senso comum como incontrolável, quase “animalesca”. Outro equívoco é associar a pedofilia e o pedófilo aos homossexuais, como se estes representassem um perigo constante aos bons costumes e às práticas sexuais consideradas legítimas. É preciso lembrar também que as estatísticas dificilmente fazem referência às mulheres, na medida em que estas, no exercício da maternidade ou na função de cuidadoras de crianças, parecem estar acima de qualquer suspeita, o que nem sempre é verdade (p. 214).

Essa é uma construção social, uma vez que não há nenhum documento normativo que indique que homens não podem atuar na Educação Infantil ou nas séries iniciais do ensino fundamental. A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN - Lei 9.394/96 (BRASIL, 1996) sequer menciona a atuação na educação infantil apenas para educadoras mulheres, priorizando para a docência nesta modalidade a formação, que está disponível a mulheres e homens. Essa predominância feminina foi algo construído culturalmente. Em relação aos requisitos mínimos para atuação na educação infantil, aponta a LDBEN:

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (Redação dada pela Lei nº 13.415, de 2017) (BRASIL, 1996)

Partimos do pressuposto de que a associação das mulheres como um dado natural na educação infantil vai se transformando e se reproduzindo em exclusão dos homens nessa modalidade da educação básica. Dito de outra forma, apesar de não haver impedimentos do ponto de vista legal ou das políticas públicas, a prática cotidiana das escolas acaba por excluir os homens de seu espaço. São criadas muitas barreiras para impedir ou dificultar que homens atuem como professores na educação infantil. É como se os homens representassem ameaça ou perigo junto às crianças pequenas.

Como um professor pode dar banho e trocar a fralda de uma criança? A resposta me parece simples, do mesmo modo que uma professora mulher deve fazê-lo. A atividade docente e as práticas pedagógicas na Educação Infantil podem ser exercidas tanto por homens quanto por mulheres e é isso que defendo aqui. Na escola, em geral, ainda prevalece uma cultura separatista que posiciona meninos e meninas em lugares separados, não podem interagir uns com as brincadeiras dos outros, o que vai se refletindo sobre a vida em sociedade, moldando padrões de convivência, gerando preconceitos e desigualdades de gênero.

#### 4. ALUNOS DO CURSO DE PEDAGOGIA ACERCA DAS SUAS INQUIETAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO INFANTIL

Nesta análise de dados, passo a refletir sobre as articulações entre homens e educação infantil a partir das respostas dos dois entrevistados desta pesquisa. Como já foi dito, foram realizadas duas entrevistas semi-estruturadas que foram gravadas (e posteriormente transcritas) com alunos concluintes do curso de Pedagogia da UFPB do ano 2016.2, tendo como eixo norteador um roteiro contendo 11 perguntas (conforme anexo). Usaremos nomes fictícios para os referidos entrevistados para manter-lhes o anonimato. No quadro a seguir, passo a apresentar os sujeitos desta pesquisa.

**Quadro 1- Perfil dos entrevistados**

<b>Estudante concluinte</b>	<b>Idade</b>	<b>Estado civil/ filhos/as</b>	<b>Cor/raça</b>	<b>Onde mora (cidade)</b>
<b>Jorge</b>	29 anos	Casado, 2 filhas	Branco	Bayeux
<b>Paulo</b>	27 anos	Solteiro	Negro	João Pessoa

A escolha pelo curso de Pedagogia foi o nosso primeiro questionamento. A essa pergunta, obtivemos as seguintes respostas: Jorge foi motivado pelo fato de não conseguir ingressar no curso ao qual ele tinha mais interesse que era a psicologia e para Paulo a motivação do curso se deu por ter tido anteriormente uma experiência com crianças.

*“Cheguei na pedagogia porque antes tive contato, principalmente na igreja dando aulas para as crianças, aí depois eu fui pesquisando os assuntos que a pedagogia pode abranger aí fiquei interessado em fazer.” (Paulo)*

A experiência do estágio curricular é essencial para a nossa formação integral como futuras pedagogas/os, considerando que cada vez mais são requisitados

profissionais com competências mínimas, além de bem preparados para atuarem na educação. Ao longo da graduação, passamos por diferentes tipos de estágios curriculares, que vão desde a gestão até a docência. Por meio dos estágios, a cada semestre uma nova experiência é adquirida, através de novas situações vivenciadas novos aprendizados foram gerados e assim construímos novas reflexões acerca da nossa prática educativa.

Em nosso curso, o estágio em Educação Infantil é obrigatório, no entanto, os dois entrevistados não mencionaram esta modalidade da educação quando questionados sobre os estágios. Através dessa ausência podemos perceber que eles talvez não cogitem a possibilidade de exercer a profissão docente na educação infantil, o que pode ocorrer em virtude da pouca representatividade de homens nessa modalidade da educação básica.

Podemos afirmar que esta visão estaria ligada as relações de dominação criadas pela sociedade que influencia no comportamento das pessoas e que contribuiu para o afastamento dos homens da Educação Infantil (GONÇALVES; PENHA, 2015, p.189).

Quando foram questionados sobre a importância de se trabalhar questões de gênero na escola, ambos mencionaram que é importante e essencial que essas questões sejam abordadas nas escolas, porém que tenhamos cuidado com a linguagem utilizada ao falar esses assuntos para as crianças da educação infantil.

*“As questões de gênero elas não são importantes, elas são essenciais a serem trabalhadas hoje. Vivemos uma realidade onde o preconceito, os tabus, pessoas tradicionais, um país extremamente revoltado no momento um clima de ódio que ronda nossa sociedade, então trabalhar as questões de gênero entre outras questões polêmicas são essenciais hoje nas universidades, nas escolas, em todos os âmbitos educacionais”*  
(Jorge)

Outro ponto questionado durante as entrevistas foi a área do curso com que cada um se identifica. Para Jorge, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é a área com que mais se identifica, pelo motivo de ter ingressado em um curso superior aos 23 anos. Ele acha que essa modalidade chama mais atenção. Por sua vez, Paulo se identifica com

outras áreas do curso, mas enfocou sua atração e admiração pela educação infantil, no seguinte relato:

*“Eu me identifico com tantas áreas do curso apesar de não ter vivenciado algumas áreas que eu queria viver. Eu queria ter experiência com educação corporativa, eu queria ter experiência com educação profissional educação hospitalar eu queria ter varias experiências com educação em presídio. Eu achava tão interessante esses assuntos e não foram abordados, mas assim dos que foram abordados eu gostei muito e principalmente da educação infantil apesar de fazer minha área de aprofundamento na EJA, mas eu acho a educação infantil fascinante. Apesar de não ter sido muito abordado no curso”*  
(Paulo).

A questão sobre as perspectivas em relação ao término do curso e a inserção profissional na área foi respondida por ambos com um sentimento de dúvidas, regado também de muita perseverança, o que não parece muito diferente do que sentimos nós mulheres em final de curso.

*“A inserção no mercado de trabalho é uma preocupação na verdade. Eu que sou do sexo masculino, a gente sabe que ainda existe uma tradição de poucos homens trabalharem com crianças. Eu vejo uma certa dificuldade para isso talvez não seja por isso que eu nunca atuei de fato como professor, nunca trabalhei e também nunca fui muito atrás, porque eu to aguardado concretizar o curso, mas pelas experiências nos meu estágios, pela experiência de vida e por tudo mais eu enxergo que existe essa barreira a ser derrubada”* (Jorge).

*“Eu acho que você ser professor as possibilidades abrem muito porém por ser homem, pra ser professor eu acho mais complicado, o mercado ainda tem preconceito e é restrito, mas eu acho que com fé a gente consegue na perseverança. Essa*

*questão do homem na educação infantil é desanimador, então eu espero que as pessoas evoluam cresçam e abram a mente delas e ver que não é nada demais” (Paulo).*

Ambos citam o preconceito como uma das principais dificuldades em trabalhar na educação infantil. Por serem homens advindos de um curso no qual o mercado de trabalho dá preferência às mulheres, eles demonstram que enxergam que existem barreiras a serem quebradas, mas que não será um processo rápido, terão que lutar bastante para serem inseridos como professores nessa modalidade de ensino, se assim desejarem.

Assim, temos atitudes e julgamentos que pensamos ser nossos, mas que, na verdade, provêm de preconceitos, sem que possamos nos dar conta desse processo. Dessa forma, a relação da representação com o preconceito pode ajudar-nos a entender vários dos discursos que circulam sobre o professor do sexo masculino nas séries iniciais.(RABELO, 2013, p.913)

Ao serem perguntados sobre como eles veem a Educação Infantil, ambos mencionaram a não valorização do professor e professora e os baixos índices salariais que eles possivelmente viverão se optarem por seguir essa carreira.

*“(…) mas eu vejo hoje com outro olhar quando analiso toda a situação, que não é uma missão tão fácil ser professor e ser incluído no mercado de trabalho e se entrar você consegue uma escola privada com raras exceções a maioria paga pouco então eis uma complicação” (Jorge).*

Além disso, é possível perceber que esse desinteresse deles vêm de uma ideia de que a educação infantil já existem muitos profissionais e que as outras áreas estariam em desfalque. Isso pode indicar um processo de repetição dos padrões sociais nos quais os homens estão “acostumados” a seguirem profissões que expressem a sua liderança ou que lhes ofereçam um bom salário, afinal ele carrega consigo a ideia de ser o provedor da família.

*“Eu vejo a educação infantil com muita dificuldades ainda tem muitos problemáticas, o professor não é valorizado na educação infantil, é uma diferença enorme na profissão docente do professor e do salário e da valorização docente do professor da educação infantil até chegar no professor do ensino superior. Então acho que o professor da educação infantil fica logo no início na linha de frente e sofre, sem condições de trabalho, desvalorizado porque o salário é pequeno no qual deveria ser diferente, deveria ter um salário bom, porque li é que tá começando a educação a instrução das crianças, ali é onde as crianças vão começar a serem estimuladas para que no futuro elas possam ser alguém na vida” (Paulo).*

*“A educação infantil assim como toda a educação ainda tem muitas falhas ainda deixa muito a desejar mas talvez seja aquela mais bem servida , afinal de contas o curso de pedagogia por exemplo é um curso que forma para a educação infantil e como boa parte dos profissionais que atuam na docência da educação infantil são pedagogos subentende que esses profissionais estejam preparados , então acredito que seja a área que está mais bem servida” (Jorge).*

Sobre a atuação na Educação Infantil, ambos tiveram algum tipo de contato nos estágios, contudo, somente Jorge atualmente está atuando com essa modalidade como professor no Programa Mais Educação de uma escola pública da cidade onde ele mora, como ele nos afirma nesse trecho da entrevista:

*“Eu estou participando do programa mais educação na cidade de Bayeux, fiz um processo de seleção e consegui ingressar. É minha primeira experiência na educação infantil, outras experiências foram só em estágios. Bom, tem sido muito bacana a criançada é maravilhosa, eu gosto de criança. Você lidar com crianças é muito bom, eles são muito elétricos, tem muita energia, mas bom é muito bacana a gente lidar com isso, eles*

*respeitam muito, eles escutam, eles bagunçam a gente bagunça junto, mas é muito gostoso esse contato com a criançada e eu tenho muito carinho por essa área” (Jorge).*

Com esse primeiro contato, Jorge está tendo a oportunidade de vivenciar o cotidiano escolar, o dia a dia, que envolve a Educação Infantil. Através disso, é importante dizer que a essência da Educação Infantil está na vivência diária com os alunos e alunas, sendo ali o lugar em que se constrói a relação entre professor(a) e aluno(a), baseando-se no afeto que é importante em todas as modalidades de ensino, mas principalmente nas crianças, já que nesse momento estão começando a construir suas identidades. Conforme o pensamento de Venturini e Thomasi (2013 p. 13):

Portanto, o homem na sociedade atual está buscando a integração e a complementaridade entre o feminino e masculino e abrindo espaço para que ele possa lidar com a questão do afeto, do sentimento, da maternagem assim como práticas profissionais dentro das instituições de educação infantil.

Ser pedagogo e pedagoga, nos dias atuais, requer de nós discernimento para lidar com a desvalorização da importância que professores e professoras têm na formação de seus alunos/as, além do desprestígio de nossa carreira. É importante refletiremos sobre a atualidade, principalmente sobre questões políticas que refletem diretamente nas questões de gênero, de educação, nos direitos populares e todas as lutas que foram travadas durante anos.

*“Precisamos saber que temos uma responsabilidade grande no processo de formação das pessoas e principalmente no das crianças é uma responsabilidade grande, mas é uma responsabilidade que dá prazer, pelo menos pra mim saber que estou contribuindo com o crescimento cognitivo, crítico e reflexivo de alguém” (Jorge)*

Ao término do curso, ambos os entrevistados disseram que pretendem atuar na educação de jovens e adultos (EJA), por se identificarem mais com essa modalidade, mas é perceptível que eles não tiveram contato com a educação infantil de fato, apenas optaram por essa modalidade por se tratar da mais acessível para eles, lugar em que não

vão sofrer nenhum tipo de preconceito por serem homens. Na perspectiva das masculinidades, indicam Monteiro e Altmann (2014, p 08):

Trata-se, portanto, de uma constante comparação entre o sujeito real e o "mito viril", que corresponde na realidade a uma "masculinidade impossível", que permanece no imaginário da comunidade como sendo a verdadeira masculinidade. Os sujeitos, nessa situação, ao mesmo tempo, têm sido cobrados a aproximar-se e a recuar-se desse ideal masculino.

Vivenciar essas diferentes situações favorecem o nosso desenvolvimento profissional, tornando-se imprescindível, pois, através dele compreendermos o significado do “aprender a aprender”, ressaltando a capacidade de refletir, analisar, dispor-se a mudar os próprios conceitos, buscar novas informações, substituir conceitos antigos por novas teorias, adquirir os novos conhecimentos que vêm sendo cobrados pelas alterações na nossa sociedade atual. E, principalmente, mudar nossas práticas cotidianas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho busquei explicitar a importância das questões de gênero envolvidas no curso de Pedagogia da UFPB, tendo um enfoque principal nas masculinidades e na inserção dos alunos homens na educação infantil. Tanto o homem quanto a mulher têm sua identidade construída socialmente a partir de um contexto ao quais os mesmos vivenciam, e a reprodução disso vem desde a criança até a vida adulta, reproduzimos muitas vezes o que nos é proposto por esse contexto, assim é na educação. Durante muitos anos, a educação infantil não recebia homens para serem professores, mas hoje mesmo que timidamente esse cenário vem mudando.

Acredito que além do profissionalismo, o profissional em educação infantil independentemente de ser homem ou mulher, deve buscar e cultivar o amor, bem como a paciência. Toda criança tem seus medos e desejos e cabe ao professor saber identificar tais coisas como forma de contribuir ensinando a criança uma maneira de ver o mundo dando sentido e significado a tudo ao seu redor dessa forma a criança vai construindo sua identidade e autonomia.

Tendo em vista que a educação é responsável pela transformação e desenvolvimento social, por isso a necessidade e importância do professor (a) ter consciência de estar abraçando algo que exige muita dedicação e esforço. É nesse contexto, que os alunos do curso de Pedagogia muitas vezes desistem de seguir a carreira docente.

Durante a realização da pesquisa foi observado que os entrevistados têm um certo receio quando são questionados sobre a atuação na educação infantil, mesmo que não sejam explicitado em suas falas, eles demonstram que essa modalidade de ensino não oferece oportunidades que os insiram no mercado de trabalho. Não é que eles demonstrem incapacidade de assumir esse compromisso com as crianças, mas sim a sociedade que vem reproduzindo um pensamento, de que eles não são capazes e que não são confiáveis para educar crianças.

Durante três anos de estágio na Educação Infantil pude observar a necessidade que os pequeninos têm para expressar suas ideias e vi também à necessidade de ouvir cada um, visto que todos são diferentes e como tal suas necessidades são específicas. Existe uma política assistencialista que existe desde os primórdios da educação infantil, de que além do pedagógico a professora também é responsável pelos cuidados básicos

de higiene, e essa é a principal barreira que os homens enfrentam ao serem “barrados” na educação infantil.

E é por esse motivo que muitos preferem não atuar nessa área, além da baixa valorização desses profissionais, o preconceito é marcante, e eles se sentem melhor seguindo carreira na Educação de Jovens e Adultos (EJA), ou em outros espaços possíveis de atuação de pedagogos(as). Foi possível compreender, a partir das falas dos entrevistados, suas experiências de formação especialmente no estágio obrigatório curricular da Educação Infantil, que os homens não têm medo de atuar nessa modalidade de ensino, apenas sentem um receio de como o mercado de trabalho vai recebê-los.

Nesse sentido, o curso de Pedagogia, que tem um papel importante na formação de educadores(as), deve agir lançando debates e estudos sobre gênero e atuação de homens na Educação Infantil, que atinjam não somente a comunidade acadêmica, mas também toda a sociedade. Precisamos dialogar e é através desse diálogo que construímos conhecimentos e transformamos modelos hegemônicos tão arraigados, no sentido de construir uma sociedade mais justa.

Este trabalho teve grande relevância na minha formação enquanto pedagoga, nós professores e professoras somos formadores de opiniões. Sendo assim, é a partir do que ensinamos que podemos dar base para os alunos e alunas, ao mesmo tempo em que pensamos, possam analisar o meio social onde vivem e assim mudar, recriar, reinventar, e além de tudo respeitar. Estudar gênero nos faz refletir sobre os ideais que construímos durante toda a nossa vida, com isso o professor homem na educação infantil vem a somar no processo educativo, contribuindo na criação de um novo ideal de masculinidade.

## REFERÊNCIAS:

ALTMANN, Helena. MONTEIRO, Mariana Kubilius. **Trajetórias na Docência: Professores Homens na Educação Infantil.** 36ª Reunião Nacional da ANPEd – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO. Disponível em: [www.anped.org.br/sites/default/files/gt23\\_2689\\_texto.pdf](http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt23_2689_texto.pdf). Acesso em 6 de março de 2017

ALVES, Bruna Molisani Ferreira. **Infâncias e educação infantil:** aspectos históricos, legais e pedagógicos. Revista Aleph Infâncias, n16, 2011. Disponível em: [www.uff.br/revistaleph/pdf/art8.pdf](http://www.uff.br/revistaleph/pdf/art8.pdf). Acesso em 6 de março de 2017

BANDEIRA, Lourdes Maria; OLIVEIRA, Eleonora M. de. **Trajetória da Produção Acadêmica sobre as Relações de Gênero nas Ciências Sociais.** In: GT 11 - A transversalidade do gênero nas ciências sociais. XIX Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, outubro de 1990.

CARVALHO, M. E. P. **Relações de gênero na universidade:** carreiras docentes e perspectivas profissionais discentes. 2010. Projeto de Pesquisa (Edital MCT/CNPQ/MEC/CAPES Nº 02/2010) – Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Ação sobre Mulher e Relações de Gênero, Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, 2010.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; GUIMARÃES, Flávia Maia; MORAIS, Adenilda Bertoldo Alves; SILVA, Francisca Jocineide da Costa e. **Inclusão da temática de gênero no curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba:** Primeiros Passos. Espaço do Currículo, v.7, n.2, p.262-275, Maio a Agosto de 2014 ISSN 1983-1579 Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec> Acesso em 24 de Maio de 2017.

CARVALHO, M. E. P.; RABAY, G. **Gênero e educação superior:** apontamentos sobre o tema. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013.

CARVALHO, Eronilda Maria Gois de. **Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil:** Um estudo de professoras e professores da pré-escola pública' 01/12/2007 265 f. Doutorado em Educação. Instituição de Ensino: Universidade Federal da Bahia, Salvador.

FELIPE, Jane. **Gênero e sexualidade nas pedagogias culturais:** Implicações para a educação infantil. Disponível em: <[http://cce.udesc.br/titosena/Arquivos/Artigos\\_gensex/SexualidadeInfantil.pdf](http://cce.udesc.br/titosena/Arquivos/Artigos_gensex/SexualidadeInfantil.pdf)>. Acesso em: 15 de Maio de 2017.

FELIPE, Jane. **Infância, Gênero e Sexualidade.** Educação & Realidade - ISSN 0100-3143 (impresso) e 2175-6236 (online) v. 25, n. 1 (2000) Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/48688>. Acesso em: 15 de Maio de 2017.

FELIPE, Jane. **Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas**. Pro-Posições, v. 18, n. 2 (53) - maio/ago. 2007

FELIPE, Jane. **“Afinal, que é mesmo o pedófilo?”**. Cadernos Pagu, Campinas, n. 26, p. 201-223, jan./jun. 2006.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Sinopses estatísticas da Educação Básica. Brasília, 2014. Disponível em: [http://download.inep.gov.br/informacoes\\_estatisticas/sinopses\\_estatisticas/sinopses\\_568\\_educacao\\_basica/sinopse\\_estatistica\\_educacao\\_basica\\_2014.zip](http://download.inep.gov.br/informacoes_estatisticas/sinopses_estatisticas/sinopses_568_educacao_basica/sinopse_estatistica_educacao_basica_2014.zip)

KUHLMANN JR., Moisés. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: MEC, 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

SEFFNER, F.; FIGLIUZZI, Adriza . **Na escola e nas revistas: Reconhecendo pedagogias do gênero, da sexualidade e do corpo**. Revista da FACED (UFBA. Online), v. 19, p. 45-59, 2011.

SEFFNER, F, **Derivas da masculinidade** : representação, identidade e diferença no âmbito da masculinidade bissexual. Dissertação de Mestrado, 2003

GUIZZO, Bianca Salazar. **Identidades de Gêneros Masculinas na infância e regulações produzidas na educação infantil**. Vol. 6, Jun 2007. Revista Ártemis: ISSN 1807-8214 Disponível em <http://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/2123>. Acesso em 06 de Março de 2017.

LOPES, D. H. **Cultura e relações de Gênero: A Construção dos Papéis masculinos na Escola. Desigualdades e Preconceitos: Reflexões Sobre Relações Étnico-Raciais e de Gênero na Contemporaneidade**. Campo Grande-MS: Editora UFMS. 2012. P.167 a 187.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista** / : Vozes, 1997.

MANZINI, Eduardo José. **Uso da Entrevista em Dissertações e Teses produzidas em um programa de pós- graduação em educação**. Revista Percurso - NEMO Maringá, v. 4, n. 2 , p. 149- 171, 2012 ISSN: 2177- 3300

MONTEIRO, Mariana Kubilius; ALTMANN, Helena. **Homens na educação infantil: olhares de suspeita e tentativas de segregação.** Cad. Pesqui. vol.44 no.153 São Paulo July/Sept. 2014. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742014000300012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742014000300012)

Observatório do PNE, 2016. Disponível em:  
<http://www.observatoriodopne.org.br/metas-pne/1-educacao-infantil>

PEREIRA, Maria Arlete Bastos. **Professor-homem na Educação Infantil : a construção de uma identidade'** 01/09/2012 160 f. Mestrado em Educação e saúde na infância e adolescência. Instituição de Ensino: Universidade Federal de São Paulo. São Paulo.

RABELO, Amanda Oliveira. **Professores discriminados: um estudo sobre os docentes do sexo masculino nas séries do ensino fundamental.** Educ. Pesqui. vol.39 no.4 São Paulo Oct./Dec. 2013 Epub May 07, 2013. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022013000400006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022013000400006); Acesso em 25 de maio de 2017.

RAMOS, Joaquim. **Um estudo sobre os professores homens da educação infantil e as relações de gênero na rede municipal de Belo Horizonte - MG / Joaquim Ramos.** Belo Horizonte, 2011. 139f. : il. Orientadora: Maria do Carmo Xavier Dissertação (Mestrado)

SANTOS, Helen Barbosa dos. **Masculinidades em devir: Pesquisa e e gestão da política nacional de atenção integral a saude do homem.** 2011. Disponível em:  
<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/sipinf/edicoes/I/4.pdf>

SAPAROLLI, Eliana Campos Leite. **Educador infantil: uma ocupação de gênero feminino.** 1997. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

VIANNA, Cláudia Pereira. **O sexo e o gênero da docência.** Cad. Pagu [online]. 2002, n.17-18, pp.81-103. ISSN 1809-4449.

VIANNA, Cláudia Pereira. **A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente.** In: YANNOULAS, Silvia Cristina (Org.). Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações. Brasília, DF: Abaré, 2013. p. 159-180. Disponível em :  
<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/44242>. Acesso em 25 de Abril de 2017.

VIEIRA, Sofia Lerche. **Escola - Função Social, Gestão e política Educacional.** IN: AGUIAR, Márcia Angela da S., FERREIRA, Naura Syria Carapete (orgs.). Gestão da educação: Impasses, perspectiva e compromissos. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 129-145.

VENTURINI, Angela Maria ; THOMASI, Katia Barroso. **Feminização na educação infantil: Uma questão de gênero.** Artigo publicado na Revista Científica Digital da FAETEC: EDU.TEC, 8ª edição, Ano V, Volume 1, Nº 1, 2013. Disponível em:  
<http://www.faecet.rj.gov.br/desup/index.php/edutec> . Acesso em 25 de Abril de 2017.

# **ANEXOS**

**ANEXO A- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO****UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Caro colega concluinte,

Esta pesquisa intitulada **Atuação de homens na Educação Infantil: Um olhar sobre as perspectivas e desafios dos graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba**, desenvolvida por **Lúcia de Fátima de Lima Miranda**, aluna concluinte do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, semestre 2016.2, sob a orientação da Profa. Dra. Jeane Félix da Silva. A pesquisa tem os seguintes objetivos: a) Investigar as percepções de homens concluintes do Curso de Pedagogia da UFPB sobre a atuação de professores homens na Educação Infantil; b) Compreender, a partir das falas dos entrevistados, como o ambiente escolar recebe professores homens nesta modalidade de ensino.

Solicitamos a sua colaboração para participar de uma entrevista para coleta de dados, bem como sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de Educação. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, que você não é obrigado a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas. Estou à sua disposição para quaisquer esclarecimentos que se façam necessários.

Diante do exposto, eu, \_\_\_\_\_, portador do RG \_\_\_\_\_, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e respectivas publicações dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

---

Assinatura do Participante da Pesquisa

## **ANEXO B: ROTEIRO DE ENTREVISTA**



### **UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE EDUCAÇÃO CURSO DE PEDAGOGIA**

#### **ROTEIRO DE ENTREVISTA**

Dados pessoais dos entrevistados (Idade, estado civil, filhos, raça/cor, onde mora).

1º Como chegou à Pedagogia?

2º O curso foi uma opção?

3º Desafios e dificuldades ao longo do curso?

4º Como foram suas experiências com os estágios?

5º Você acha importante trabalhar questões de gênero na escola?

6º Alguma vez, você pensou em desistir do curso? Por quê?

7º Quais as suas perspectivas em relação ao término do curso e sobre sua inserção profissional na área?

8º Com qual (is) área(s) do curso você se identifica?

9º Como você vê a educação infantil?

10º Já atuou na educação infantil? Se sim, como foi a experiência?

11º Como é ser um Pedagogo nos dias atuais?